

Submissão x independência: a ambivalência da imagem feminina nas fotorreportagens de *O Cruzeiro*

Leandra Francischett

Mestre História, UFF

lefrancischett@yahoo.com

Resumo: Este artigo analisa algumas fotorreportagens sobre mulheres, publicadas nas edições semanais da revista *O Cruzeiro*, referentes aos meses de março e maio de 1956-1960. Partiu-se da heurística, que consiste no levantamento, seleção e apreciação das fontes. As análises da figura feminina revelam ambigüidades, com deslocamentos dos papéis femininos e masculinos. O primeiro grupo de matérias demonstra a ingenuidade feminina, certa submissão e o ideal de beleza enfatizados pelos concursos de Miss. Esta pesquisa enfatiza as matérias sobre mulheres com postura mais conservadora, que em geral fazem parte do tripé mãe-esposa-dona-de-casa. Por outro lado, um segundo grupo apresenta mudanças em curso, com uma mulher mais ousada e de certa forma independente. Articulam-se novos modelos femininos que incluem a nova dona de casa e a mulher emancipada, embora não sejam contraditórios entre si, como sujeitos de novos consumos de massa também no plano cultural.

Palavras-chave: Fotorreportagem – Revista *O Cruzeiro* – Anos Dourados – Representação feminina - História

Apresentação

O início do século XX, para as mulheres, foi um momento de novas oportunidades culturais, seja pela admissão nas instituições de belas-artes, seja pelo fato dos meios de comunicação social tê-las como consumidoras. Durante a Primeira Guerra Mundial, o objetivo era a modernização e não a revolução, mesmo assim, as competências femininas conquistavam um novo alcance. As mulheres continuavam nas áreas do vestuário, do mobiliário, do têxtil, do design gráfico e da decoração, alcançando carreiras brilhantes nesses setores, que lhes eram concedidos. Essas criadoras contribuíram para simplificar o vestuário e as tarefas domésticas, facilitando a vida das mulheres (HIGONNET, 1991, p. 406).

No período entre-guerras, os designers ocidentais, interessados em estimular uma economia de consumo, aproveitavam-se da publicidade. Para tanto, utilizavam a imagem para demonstrar os efeitos das mercadorias, que acabavam destacando os novos ideais femininos e não tanto o produto em si. Os anúncios sugeriam que as mulheres eram dependentes de produtos comerciais pois através deles seriam capazes de cumprir suas tarefas domésticas, de atrair os homens, além de educar os filhos e alcançar aceitação social (HIGONNET, 1991).

Ao assumirem o papel de criadoras de imagens (fotógrafas) e não mais apenas os seus modelos, as mulheres passaram a demonstrar seus ideais em temas tradicionais. Até então, através da visão masculina, somente o belo era registrado.

Enquanto as artes maiores favoreciam uma exploração da imaginação das mulheres, a fotografia documental, encomendada pelos governos ou pela nova geração de revistas de fotografia, encorajava tanto as mulheres como os homens a confrontar e a revelar aspectos escondidos da vida material das mulheres. A pobreza, a velhice, a doença, a diversidade étnica e racial foram muito gradualmente sendo reconhecidas e visualizadas (HIGONNET, 1991, P. 413).

O século XX acrescentou o cinema à cultura visual. O cinema, como novo suporte da cultura de massas, contribuiu com a definição dos sexos. As mulheres são representadas como prazer visual, para satisfação dos homens, como aconteceu com Marilyn Monroe. A figura feminina surge na cultura de massas contemporânea como sujeito potencial e como objeto, utilizando sugestões dos estímulos libertadores políticos e sociais, bem como de tradições de velhos estereótipos sobre as mulheres no seio da cultura ocidental. Articulam-se propostas de

novos modelos femininos que incluem a nova dona de casa e a mulher emancipada - muito embora não sejam contraditórios entre si - como sujeitos de novos consumos de massa também no plano cultural. Os meios de comunicação de massas reforçam tais processos (PASSERINI, 1991, P. 381).

Entre 1920 e 1960, Hollywood produziu filmes concebidos para audiências femininas. Esses filmes centravam-se em torno de uma protagonista feminina e tratavam de questões consideradas femininas. Ainda que as mulheres sejam representadas como heroínas, os filmes destacam personagens passivas e apelam ao sofrimento empático das espectadoras. O filme de mulher levanta a questão da espectadora feminina, enfatizando a tensão entre auto-negação e auto-afirmação, que revela as contradições em que as mulheres tinham de viver. “A fascinação das mulheres pelas representações cinematográficas de si próprias oscilava entre a submissão a quadros ideológicos disciplinares e o prazer do poder momentâneo, da realização e da diferença” (HIGONNET, 1991, P. 416).

Nos impressos, o destaque são as revistas de fãs, que dão uma idéia de falsa intimidade com os famosos. Já as revistas femininas, respeitando limites estabelecidos, incentivam as mulheres a se cuidarem, pregam a realização pessoal, mas também destacam valores ligados ao aperfeiçoamento cosmético, à heterossexualidade e à família. “A leitora das revistas femininas é encorajada a dominar a sua situação pessoal – mas não a pô-la em questão” (HIGONNET, 1991, P. 418).

Essas revistas trazem, como principal bem de consumo, o desejo de ser modelo feminino nas fotos publicitárias, uma vez que esses modelos servem como padrões de beleza. As imagens fotográficas femininas também integram a cultura de massas, fenômeno industrial iniciado no século XIX. O sistema industrial, que cria produtos de série, envolvem as mulheres sobretudo a partir do final do século XIX. “Tais processos apoiam-se largamente nos meios de comunicação de massa, como os periódicos, a publicidade, o cinema; e é sobretudo este último que reforça a ‘cultura da beleza’” (PASSERINI, 1991, P. 388). A grande visibilidade das mulheres nas capas de *O Cruzeiro* e também nas fotorreportagens demonstra a transição de uma importante cultura de massas auditiva - na qual as imagens femininas são construídas através das vozes transmitidas pelo rádio - para uma cultura visual. As fotografias de mulheres passam da circulação restrita dos álbuns de família para os veículos de comunicação, de ampla circulação pública.

Geralmente, nas edições observadas, as mulheres são notícia quando estão nas posições de lideranças políticas, noivas, atrizes, vedetes, com fantasias de carnaval ou com trajes de banho e ilustrando modelitos de moda de grandes estilistas. Elas também aparecem por terem sido abusadas por homens ou por sofrerem injustiças.

A revista *O Cruzeiro* destinava ao público feminino muitas páginas e seções, com grande destaque para as fotografias. Na realidade, a feminização da cultura de massas dá-se em função das mulheres serem potencialmente as grandes consumidoras dos produtos industriais, que acontece num momento em que há uma crescente entrada das mulheres na vida pública.

As informações fotográficas constituíam a matéria-prima para a edição das reportagens ilustradas e eram a base para a elaboração das legendas e dos textos, que passaram a complementar o processo de comunicação, organizando a informação dentro de uma ordem cronológica dos acontecimentos. A preponderância da imagem sobre o texto demonstra que a fotorreportagem não é uma simples reportagem verbal ilustrada, mas, na verdade, uma reportagem visual auxiliada pelo texto (MUNTEAL, 2005, p. 49).

Poucas revistas aguçaram tanto o imaginário dos leitores com figuras femininas como *O Cruzeiro*. Desde a primeira capa, publicada em 1928, *O Cruzeiro* trouxe belas mulheres estampadas, o que predominou durante toda a sua existência, até os anos 70. A capa de um impresso atua como cartão de visita, uma vitrine, um convite ao leitor. Essa foi uma das grandes preocupações na apresentação desta revista.

Em geral, a mulher aparecia como elemento decorativo e não remetendo ao assunto principal de cada edição, como acontece atualmente. O rosto feminino é valorizado através do corte fotográfico, que destaca com intensidade os seus traços fisionômicos. A linguagem torna-se cristalizada, onde prevalecem os retratos posados, com colorido suave, que criam uma atmosfera e alargam o significado das imagens representadas (PEREGRINO, 1991, p. 68).

A observação das fotorreportagens de *O Cruzeiro* demonstra que, na cultura de massa, há deslocamentos de papéis femininos e masculinos, ou seja, deslocam-se condutas femininas entre si; condutas tradicionalmente masculinas para mulheres. A revista divulga fotografias de mulheres como devem ser, bem femininas, até mesmo porque essas imagens são produzidas por homens - fotógrafos e jornalistas - que expressam seus desejos sobre esse vir a ser mulher e acabam atuando na formação de identidades, sendo este um processo sempre em construção.

Os estudos de gênero mostram o deslocamento de papéis, condutas e padrões de sociabilidade de homens para mulheres e vice-versa. Há uma indissociabilidade das relações público-privado, lugar de expressão de sistemas de dominação, lugar em que poderes femininos e

masculinos se redefinem de tempos em tempos. Essas práticas constroem caminhos diferenciados, apesar da cultura de massa procurar homogeneizá-los.

Na revista *O Cruzeiro* há um expressivo número de fotorreportagens que, numa linguagem técnica e artística renovada, reafirmam os ideais consolidados do modelo feminino de mãe-esposa-dona de casa. Neste mesmo grupo de matérias, os registros sobre a profissionalização da mulher enfatizam aquelas carreiras consideradas prolongamento daqueles ideais no campo social, através do exercício do magistério ou da enfermagem, por exemplo. Por outro lado, um não menos eloqüente conjunto de reportagens registram as mudanças em curso.

O primeiro grupo de matérias demonstra a ingenuidade feminina, certa submissão e o ideal de beleza e sensualidade enfatizados pelos concursos de Misses. Em geral, esses são padrões de beleza e de condutas propostos pelos homens, uma vez que são eles os responsáveis pela produção e divulgação dessas matérias.

O título de Miss contribuía para que a moça, em geral de origem humilde, conquistasse também um bom casamento. O casamento também traz o ideal da maternidade, comemorada em maio, por isso esse mês foi escolhido para ser analisado, em razão do Dia das Mães. Várias edições são dedicadas a esta data comemorativa. Na edição de 12 de maio de 1956, por exemplo, o destaque é para esta data comemorativa.

Com autoria de Luciano Carneiro, é publicada uma fotorreportagem de mães em quatro continentes: Europa, Ásia, África e América. “Imagens do amor materno” ilustra as páginas 38 a 45, com 12 fotos, sendo 4 de página inteira (*O CRUZEIRO*: 12 de maio de 1956). “Um repórter, perambulando nos quatro cantos do mundo, fixa com sua ‘camera’” (*O CRUZEIRO*: 12 de maio de 1956). Entre as fotos, há mães passeando com o filho no carrinho ou no colo (Figura nº. 01). A matéria é uma seleção de fotos de 1951 a 1956, mostrando a relação entre mães e filhos.



Figura nº. 01 – Mães passeiam com seus filhos em vários pontos do mundo. *O CRUZEIRO*: 12 de maio de 1956, p. 38 e 39.

Nessa mesma edição, as brasileiras aparecem nas páginas 116-122, totalizando 27 fotos, com imagens de mães em vários pontos do país (*O CRUZEIRO*: 12 de maio de 1956). Filhos famosos, como o presidente Juscelino Kubitschek e o governador Jânio Quadros, demonstram carinho pelas mães (Figura nº. 02).



Figura nº. 02 – Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros demonstram carinho pelas mães. *O CRUZEIRO*: 12 de maio de 1956, p. 116 e 117.

Destoando dessas imagens tão bonitas e moralmente corretas está a foto da seção “Um fato em foco”, de 10 de maio de 1958, que retrata uma mãe amamentando o filho desnutrido, uma das consequências da seca na região nordeste do país (Figura nº. 03). Segundo a revista, o problema da seca é antigo e, mesmo assim, somente é lembrado pelos caçadores de votos, em época de eleição. “No momento em que o Brasil está sendo preparado para comemorar o ‘dia das mães’, esta fotografia – retrato sem retoques de uma pobre mãe flagelada – é das mais expressivas e oportunas. É uma lembrança e uma advertência” (*O CRUZEIRO*: 10 de maio de 1958, p. 3).

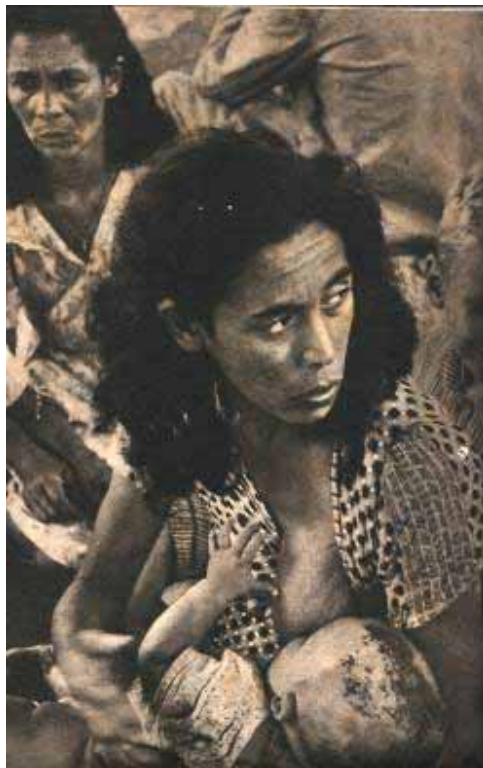


Figura nº. 03 – Seca é uma das causas da desnutrição infantil. *O CRUZEIRO*, 10 de maio de 1958, p. 3.

Por outro lado, uma família feliz é apresentada na matéria “Vida de mamãe”, que narra a história de Lúcia Cid Guimarães e seus 6 filhos, em Copacabana, quando o Rio ainda era Distrito Federal (Figura nº. 04). Todos os dias ela deixa o bebê em casa e leva os outros filhos para escola (Figura nº. 05). Enquanto os mais velhos ficam na escola, os menores apenas aproveitam o passeio. “Casada com o Comandante Décio Guimarães, ela acha adorável a vida do lar, dividindo os seus cuidados domésticos entre o marido e os seis filhos. É um desmentido à versão corrente de que a mulher moderna não pode ter grande prole” (*O CRUZEIRO*: 10 de maio de 1958, p. 52-

55). Nesta fotorreportagem, em 4 páginas são divulgadas 8 fotos. Em todas elas aparece a mãe dando atenção aos filhos, seja na hora do banho, da mamadeira, de fazer a lição, de almoçar, de ir à escola ou simplesmente estar junto das crianças (Figuras nº. 06 e 07). Uma das fotos destaca Lúcia limpando o rosto do caçula, que se lambuzou todo enquanto fazia a refeição. O pai somente é citado no texto, mas não aparece nas imagens.



Figura nº. 04 - Lúcia Cid Guimarães e seus 6 filhos, em Copacabana. *O CRUZEIRO*, 10 de maio de 1958, p. 52.



Figura nº. 05 - Todos os dias Lúcia leva os filhos para escola. *O CRUZEIRO*, 10 de maio de 1958, p. 55.



Figura nº. 06 e 07 - Em todas as fotos Lúcia aparece dando atenção aos filhos, seja na hora do banho ou da mamadeira. *O CRUZEIRO*, 10 de maio de 1958, p. 53.

A mesma edição traz uma fotorreportagem sobre a Pro Matre, instituição que atende mães carentes, na hora do parto e também depois que nascem, dando assistência (Figura nº. 08). Algumas crianças recebem leite gratuitamente. Em 40 anos, nasceram na “Pro Mate” cerca de 95.600 crianças. Segundo a matéria, durante o ano de 1956, foram atendidas “2.087 mulheres brancas, 1.107 pardas e 992 pretas” (*O CRUZEIRO*: 10 de maio de 1958, p. 61). Das 4.186 mulheres atendidas, 1.200 eram solteiras. Diante do drama de criar o filho sozinhas, muitas mães preferiam doar a criança.



Figura nº. 08 – A Pro Matre é uma instituição que atende mães carentes. *O CRUZEIRO*, 10 de maio de 1958, p. 58 e 59.

Uma foto ocupa mais de meia página e mostra uma fila de mulheres com seus filhos, aguardando para serem atendidas (Figura nº. 09). Na sequência está a foto de uma enfermeira segurando um bebê e, em outra, uma criança é pesada pela médica. A página 63 é inteira ocupada por uma foto de uma mãe branca amamentando um bebê negro, enquanto seu filho legítimo aguarda no colo da enfermeira (Figura nº. 10). No total, 10 fotos - sendo 5 coloridas - estão distribuídas em 7 páginas (*O CRUZEIRO*: 10 de maio de 1958, p. 58-64). A principal mostra uma parturiente com o seu primeiro filho, deitados no leito.



Figura nº. 09 – Mães e seus filhos aguardam para serem atendidos. *O CRUZEIRO*, 10 de maio de 1958, p. 60.

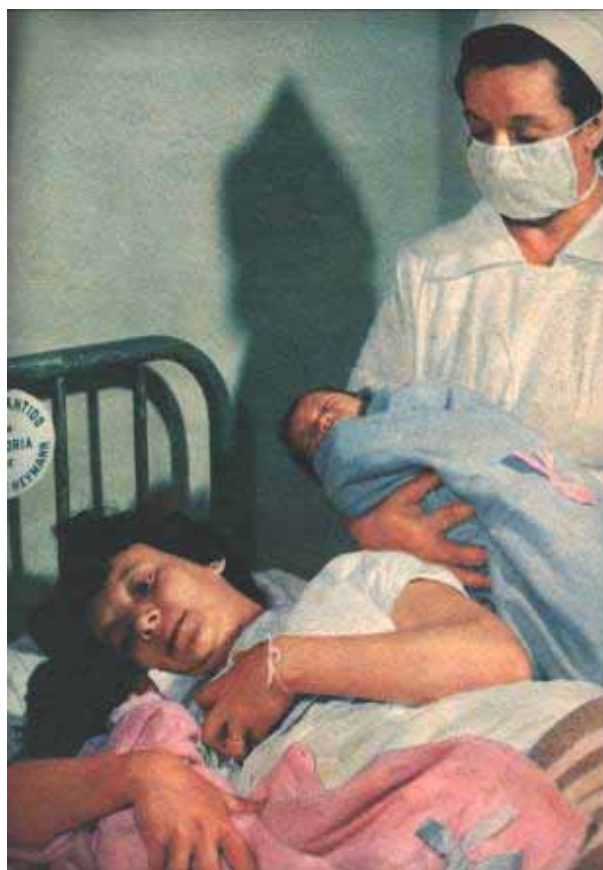


Figura nº. 10 – Mãe branca amamenta bebê negro, enquanto a enfermeira segura seu filho legítimo. *O CRUZEIRO*, 10 de maio de 1958, p. 63.

A reportagem destaca a campanha dos sócios mantenedores para arrecadar fundos para instituição. O diretor da clínica, Dr. Guilherme Serrano, contou a história da maternidade. Em 1918, Stella de Carvalho Guerra Duval (presidente perpétua da Pró Matre) observou como as mães eram atendidas na Europa e, ao retornar para o Brasil, reuniu algumas amigas e iniciou uma campanha para auxílio de crianças órfãs da Bélgica, em função da 1ª Guerra Mundial. Mesmo sem sofrer diretamente os horrores da guerra, as crianças do Rio também precisavam de atenção, por isso fundaram uma instituição de amparo à infância.

A matéria “Odisséia da mãe brasileira”, com 15 fotos, apresenta as deficiências na assistência à infância, que “tornam mais árdua e heróica a missão da mãe brasileira” (*O CRUZEIRO*: 11 de maio de 1957, p. 90-97). Não há outra alternativa a não ser enfrentar as filas das escolas públicas e, nas grandes capitais, a criança sofre da neurose do apartamento. Na p. 93, uma foto ocupa mais de meia página com três índias e um bebê (de cócoras), chamando a atenção para necessidade de valorizar as índias, embora o texto questione a orientação que elas dão aos filhos, sem considerar que esta é a sua cultura:

A mãe indígena também é mãe brasileira e não menos dedicada, à sua maneira. E seus filhos nascem e crescem como bichos, pois não há orientação nem assistência. Sabendo disto, o sanitarista Noel Nutels, obteve, do Ministério da Saúde, a organização da Unidade Sanitária Aérea, levando às selvas médicos, dentistas e aparelhagem de Raio X. Numerosas vidas têm sido salvas, em cada visita realizada pela equipe. As iniciativas desta natureza precisam ser prestigiadas (*O CRUZEIRO*: 11 de maio de 1957, p. 93).

Nesta fotorreportagem, das 15 fotos publicadas, as mães aparecem em somente cinco. O destaque são as crianças. Outra fotorreportagem que enfoca mais a criança é sobre o neto de Getúlio Vargas, que sofre de choque anafilático, ou seja, sente alergia por qualquer alimento, exceto o leite humano (*O CRUZEIRO*: 30 de março de 1957, p. 4-9). São 14 fotos destacando o sofrimento do filho de Manuel Vargas e Vera Maria Tavares Vargas. A exceção é a p. 9, toda destinada para Júlia Ferreira, amamentando Getulinho (Figura nº. 11). “A pequena ditadora, ama de Getulinho, D. Júlia Ferreira, é uma figura indispensável dentro da casa dos Vargas, em Petrópolis. Sua ditadura está chegando ao fim. Getulinho dá o golpe” (*O CRUZEIRO*: 4 de maio de 1957, p. 9).



Figura nº. 11 – Júlia Ferreira amamenta o neto de Getúlio Vargas. *O CRUZEIRO*, 30 de março de 1957, p. 9.

A vida das crianças em um orfanato é retratada na matéria: “Toucas brancas, meninas de azul.” O Recolhimento Santa Tereza abriga 273 moças, cuidadas por 17 freiras. As 5 fotos da matéria mostram como as irmãs “mães improvisadas e mestras exemplares” cuidam das crianças (*O CRUZEIRO*: 16 de maio de 1959, p. 48-51). Em seguida está a reportagem “Apelo de mãe: mais creches” (*O CRUZEIRO*: 16 de maio de 1959, p. 62-67), com 8 fotos. São apresentados, através de fotos, os três instantes na vida de uma esposa que trabalha: o momento em que o filho acorda, a hora de ir para o emprego, o lar provisório e, enfim, a volta próximo do anoitecer. Das 8 fotos, pelo menos 4 ocupam praticamente toda a página ou mais.

Neste caso, *O Cruzeiro* aborda a preocupação das mulheres que trabalham fora, são casadas e têm filhos, ilustrada através da história de Dona Leda, mas que poderia ser qualquer mãe. É pensando nelas que a revista focaliza um caso em particular, um problema das mães que trabalham fora do lar, tendo filhos pequenos. Dona Leda ajuda seu esposo nos encargos do dia-a-dia, mas tem dificuldade para encontrar um lugar para o filho Ronaldo, porque não há um número suficiente de creches e berçários aptos a atender a tantas mães trabalhadoras. “Nome não importa. *Importa, isto sim, o que representam essas personalidades de ternura que, todos os anos, por esta época, ganham uma homenagem bonita com o dístico ‘Dia das Mães’* [sem grifo o original]” (*O CRUZEIRO*: 16 de maio de 1959, p. 64). Conforme a reportagem, Dona Leda resolveu seu

problema porque onde ela trabalha há uma creche para Ronaldo (Figura nº. 12). Na última foto desta matéria está toda a família reunida: o pai lendo, a mãe bordando e o bebê brincando no chão.



Figura nº. 12 – Dona Leda arruma seu filho para então deixá-lo na creche. *O CRUZEIRO*: 16 de maio de 1959, p. 62 e 63.

A edição de 14 de maio de 1960 também é destinada ao Dia das Mães, com a reportagem “4 mães e 30 filhos – Dia das Mães, homenagem de ‘O Cruzeiro’” (*O CRUZEIRO*: 14 de maio de 1960, p. 52-55). A matéria apresenta o depoimento dessas mulheres, a respeito da tarefa que desempenha uma esposa e mãe. A primeira pergunta é se elas já pensavam em ter muitos filhos antes de se casar. As quatro senhoras Rosita Sá, Eugênia Oliveira, Elza Viegas e Maria Lúcia Witaker Vidigal responderam sim. A pergunta seguinte foi: Qual o maior problema encontrado numa família numerosa? Entre as respostas está a preocupação com a orientação das filhas moças, a saúde dos garotos e a educação. Outra pergunta se refere à colaboração dos componentes da família. Conforme as entrevistadas, há colaboração sim, eles cooperam e

procuram se ajudar. Na p. 53 há um comparativo entre duas fotos, aparentemente tiradas no mesmo local. Uma retrata Maria Lúcia Witaker Vidigal e os 5 filhos, em 1955. A outra, em 1960, mostra a mãe já com 8 filhos. Praticamente todas as fotos deste assunto são compostas pelas mães sentadas no sofá e rodeadas de filhos (Figura nº. 13).



Figura nº. 13 - 4 mães e 30 filhos – homenagem da revista *O Cruzeiro* para o Dia das Mães. *O CRUZEIRO*, 14 de maio de 1960, p. 52 e 53.

Ainda no corpo da matéria, a revista apresenta um tributo de amor filial, escrito por Rachel de Queiroz:

Escolhe-se no mês de maio o “Dia das Mães”. Fazem-se comemorações, discursos. Ai, como tudo isso é supérfluo, e desnecessário, e pleonástico. Mãe é como sol e água e pão – e vida. Não carece de adjetivos nem de exortações. Quer ver? Basta eu falar baixinho, no fundo do peito, sem abrir a boca: Mamãe. É em verdade com essa palavra única estou dizendo minha querida, minha saudade, meu refúgio, cadê seus braços, cadê seu consolo, que mundo tão grande, que gente tão estranha, como fiquei só, não me deixe chorar, não me deixe ter medo, pra todo mundo eu sou grande, os ombros pesados de cargas, alma pesada de erro, mas no seu consolo eu sou criança de novo, - cadê seu colo, cadê seus braços, cadê você, Mamãe! (*O CRUZEIRO*: 14 de maio de 1960, p. 53).

Esta é a visão que uma mulher (a escritora Rachel de Queiroz) faz sobre as demais mulheres, pois, em geral, a revista apresenta a visão de um repórter ou fotógrafo homem.

Maio é tido também como o mês da noivas e, em diversas edições, há vários “O Casamento do Ano”. Em 22 de março de 1959, o destaque é a união de Lenise Coutinho e Arivaldo Moreira. O embaixador Assis Chateaubriand foi padrinho da noiva. Além de fotos do

casamento, há também da noiva posando com os presentes: uma jóia do ano de 1820, oferecida por Chateaubriand; bolsa de viagem com seus pertences oferecida pelos Diários Associados da Bahia, lavrada em ouro e trabalhada a mão durante dois anos; e um bracelete oferecido pela revista *O Cruzeiro*. Em apenas 3 páginas há oito fotos (*O CRUZEIRO*: 22 de março de 1958, p. 73-75).

Em 5 páginas e com sete fotos, *O Cruzeiro* conta “Uma das mais belas histórias de amor de Hollywood: o casamento de Lauren [Bacall] e Humphrey Bogar – ele era 24 anos mais velho do que ela”. Mesmo herdando 1 milhão de dólares, ela não deixou de trabalhar no cinema. Conforme o título: “Apesar de ficar dona de uma fortuna, Lauren preferia ser pobre” (*O CRUZEIRO*: 2 de março de 1957, p. 94-98).

As edições de maio trazem diversas matérias sobre os preparativos do casamento. A seção “Lar Doce Lar” divulga receita de “Bolo de Noiva”. Destaca-se que, segundo a expressão, o bolo não é de casamento, mas sim de noiva (*O CRUZEIRO*: 30 de maio de 1959). Modelos de vestidos de noiva são apresentados na matéria “Noivas de Maio”, com 4 fotos em 2 páginas (*O CRUZEIRO*: 12 de maio de 1956, p. 112-113).

Com textos e desenhos de Alceu Penna, as p. 54-56 trazem 5 fotos e 3 ilustrações para a matéria “Noivas – Com importações proibidas, as noivas brasileiras estão obrigadas a fazer vestidos somente em tafetá ou cetim”. Alceu afirma receber muitos pedidos de leitoras para que desenhe seus modelos de noiva, mas não tem tempo para atender cada uma em particular e considera que um vestido não pode ser executado de um desenho, sem supervisão. “O melhor é escolher o que o tamanho consagrado pelos estilistas criou e executou, corrigindo cada pequeno detalhe, para fazer dele o mais belo vestido de sua coleção. E é assim que selecionei os modelos de Paris para que as mulheres leitoras escolham” (*O CRUZEIRO*: 28 de maio de 1960, p. 54).

Assim como a publicação de casamentos, as separações também são divulgadas, principalmente quando envolve pessoas do meio artístico ou de relevância política. “Eu vi um império tremer de amor” é uma reportagem de David Nasser e Ed Keffel - enviados especiais ao Irã - destacada como: “Exclusividade Mundial” (*O CRUZEIRO*: 29 de março de 1958, p. 36-45).

Conforme a matéria, a dupla testemunhou, dentro do Palácio do Teerã, na Pérsia, os últimos momentos do romance imperial: “Tinha o Xá cor pálida e fisionomia cansada – Soraia, muito séria, quase não falava e, quando a convidamos para umas fotos no jardim externo, respondeu apenas: ‘Está frio lá fora’ – Uma semana depois, ela partia, de avião, rumo ao

divórcio” (*O CRUZEIRO*: 29 de março de 1958, p. 37). A “exclusividade mundial” é assim destacada: “Aqui começa a sequência do grande furo internacional de ‘O Cruzeiro’. Ed Keffel consegue fotografar os imperadores pela última vez juntos” (*O CRUZEIRO*: 29 de março de 1958, p. 42-43). Embora a matéria não faça menção sobre o motivo do rompimento, sabe-se que Soraia era estéril e o Xá tinha necessidade de um herdeiro. Em uma nota publicada nos anos 1950, Ibrahim destaca que a imperatriz Soraia e o Xá visitariam o Brasil e havia rumores de que ela, mais uma vez, tentaria “alcançar a cura que tem procurado por todos os cantos do Universo, a fim de dar um filho ao sucessor do xá” (*O CRUZEIRO*: 29 de março de 1958, p. 42-43).

A seção “Um fato em foco” apresenta 3 fotos de Soraia, que desembarcou no cais de Nova York, onde repórteres e fotógrafos a aguardavam (Figura nº. 14). Ao ser questionada se ainda amava o ex-marido, Soraia respondeu, sem deixar de sorrir: “Esta é uma questão muito pessoal” (*O CRUZEIRO*: 3 de maio de 1958, p. 17).



Figura nº. 14 – Soraia era aguardada por repórteres e fotógrafos. *O CRUZEIRO*, 3 de maio de 1958, p. 17.

Além de matérias relacionadas ao Dia das Mães, aos casamentos e separações, assuntos relacionados à violência contra mulher eram bastante divulgados. Uma fotorreportagem mostra, por exemplo, a bailarina Siwa sendo presa por passar um cheque sem fundo (Figura nº. 15). A

matéria indica que ela foi “vítima de sua afeição por um empresário sem escrúpulos” (*O CRUZEIRO*, 24 de março de 1956, p. 111).

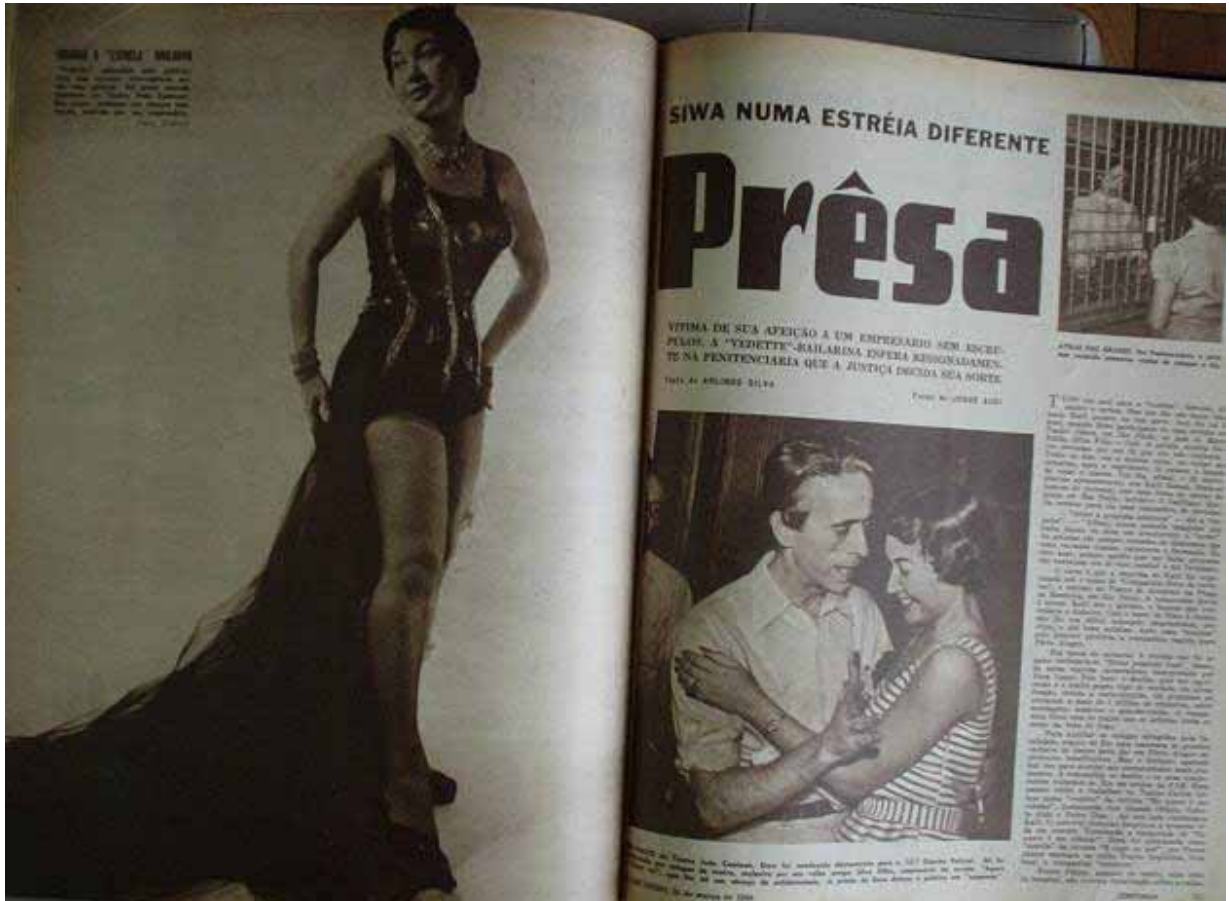


Figura nº. 15 – Siwa foi presa por passar um cheque sem fundo. *O CRUZEIRO*, 24 de março de 1956, p. 110 e 111.

Também é o caso do assassinato da jovem Aída Cúri, que teve grande repercussão na imprensa nacional e *O Cruzeiro* destinou muitas páginas ao desdobramento do fato. O jornalista David Nasser chegou a criar uma briga pessoal com os envolvidos no crime. David Nasser remete aos bons costumes, quando destaca que Aída morreu virgem, para legar um exemplo (Figura nº. 16). Assim, ainda as palavras de Nasser fossem revestidas de todos os matizes de revolta, elas seriam inexpressivas para descrever o que pensa sobre os matadores de Aída e sobre as “três mães que a fatalidade pôs em torno desse bailado de desgraças e misérias, como se fossem extras de um espetáculo cruel” (*O CRUZEIRO*: 9 de maio de 1959, p. 12).



Figura nº. 16 - Corpo de Aída Curi no local do crime. *O Cruzeiro*, 2 de maio de 1959, p. 8 e 9.

Além de Aída Curi, outra mártir retratada pela revista é Anne Frank, judia obrigada a viver escondida dos nazistas durante o Holocausto. Durante a 2ª Guerra Mundial, ela e a família viveram durante anos escondidos em um quarto sobre o escritório do seu pai. A reportagem destaca a escolha da atriz que interpretaria Anne Frank no cinema. “Hollywood correu o mundo para achar a jovem que reviva o sonho e a dor de Anne Frank – Encontrou-a em Nova York, entre sete moças que chegaram ao teste batendo outras 10 mil” (*O CRUZEIRO*: 15 de março de 1958, p.68). A fotorreportagem conta com cinco fotos em 4 páginas, mostrando as candidatas finalistas e a menina escolhida. Dessas fotos, duas ocupam página inteira.

Também consideradas mártires eram as enfermeiras. A edição de 30 de maio de 1959 homenageia essas profissionais, por causa da comemoração do seu dia. São apresentadas fotos mostrando essas mulheres no trabalho ou durante o curso de aprendizagem (*O CRUZEIRO*: 30 de maio de 1959, p. 50). “(...) é aceito nos dias que correm que mudanças nas esferas sociais e econômicas, ao trazerem maior complexidade à organização social (como a urbanização e industrialização) têm, também, influência marcante os códigos de sociabilidade” (TRIGO, 1994, P. 89). Somente a partir dos anos 1960 surgiu, com maior expressão, a figura da mulher profissional exercendo carreiras liberais ou acadêmicas, a partir da formação universitária. Apesar disso, mudanças no universo das relações de gênero e no imaginário familiar com respeito ao lugar social da mulher podem ser percebidas desde a década de 1930. A USP (Universidade de

São Paulo), fundada em 1934, foi determinante para o acesso das mulheres aos estudos superiores (TRIGO, 1994, P. 89).

A entrada das mulheres nas universidades gera mudanças tanto no comportamento explícito quanto nos códigos de sociabilidade que alteram a relação entre os gêneros. Além de iniciar uma alteração nas expectativas familiares e coletivas a respeito do lugar social das mulheres. Em geral, elas precisavam conciliar o emprego e a família. Uma das consequências dessas mudanças, como foi comentado nesta pesquisa, foi a necessidade de encontrar escolas e creches para os filhos.

O Cruzeiro cultuava musas como a loira Shelagh Parnell, que ilustra a capa da edição de 28 de maio de 1960. Shelagh Parnell, editora da revista feminina *She*, em Londres, exhibe o presente dos Diários Associados: um colar de conta de cinco águas-marinhas, com aproximadamente 100 quilates de brilhantes e 300 pedras preciosas. A matéria, sob o título “Madrinha loura da TV Brasileira ganha colar”, ocupa 4 páginas e totaliza 6 fotos sobre Shelagh Parnell. Ela e o marido Charles Edward Parnell, banqueiro, receberam convite do Embaixador Assis Chateaubriand para divulgação da TV. O texto descreve Shelagh: “Seus cabelos de trigo e seus olhos claros eram um oásis nórdico a meio da festa tropical que foi a inauguração da nova emissora de televisão associada (...)” (*O CRUZEIRO*: 28 de maio de 1960, p. 30).

Conforme a revista, a atriz Iris Bruzi aprecia o banho de mar, mas só frequenta a praia ao crepúsculo, para não queimar os cabelos “platinum” e para conservar autêntica a sua pele muito clara. Seu único hobby é colecionar bonecas, por isso procura-as por todas as lojas. “Quanto às suas excentricidades, possui uma apenas: pentear-se, diariamente, como todas as mulheres, mas de maneira diferente cada dia, o que revela uma perigosa astúcia feminina” (*O CRUZEIRO*: 2 de maio 1959, p. 45). Este é um exemplo da admiração da pele branca e o desejo de manter-se jovem e mesmo a infantilização feminina, ao colecionar bonecas. O erotismo e o puritanismo convivem juntos no mesmo período.

Outro exemplo de infantilização e sensualidade é Píer Angeli, que viveu os horrores da 2ª Guerra Mundial e disse ter levado bastante tempo para esquecer os aspectos desse conflito. Nas 4 fotos desta matéria, ela aparece posando, como modelo. Uma das legendas é: “Olhar de gazela assustada, em duas poses. Esses mesmos olhos assistiram, na última guerra, a cenas que marcaram duramente a vida de Píer Angeli. Isso aconteceu durante a ocupação alemã, na Itália” (*O CRUZEIRO*: 17 de maio de 1958, p. 52).

A matéria inicia com o depoimento da moça, que diz ter lutado para se tornar uma mulher. Aos 19 anos ainda dormia num quarto cheio de ursinhos de pelúcia e se recusava a sair de casa sozinha. Aos 21 anos, ainda levava a vida como se fosse uma boneca, obedecendo a orientação do estúdio. Ela se compara às moças da Itália que, a partir dessa idade, já se tornam uma mulher independente. “No meu 21º aniversário, mamãe me deu uma cópia da chave da porta de casa, escondida num buquê de flores. As coisas com que tive de lutar eram fantasmas e lembranças do passado” (*O CRUZEIRO*: 17 de maio de 1958, p. 52).

As revistas femininas nos anos 50 foram fonte de informação e lazer e influenciaram a realidade das mulheres da classe média de seu tempo, assim como sofreram influências das mudanças sociais vividas e promovidas por essas mulheres, ainda que a cobertura de assuntos além da beleza fosse pouco significativa (BASSANEZI, 1997). Entre as transgressões femininas estavam atitudes como fumar, ler coisas proibidas, explorar a sensualidade das roupas, investir no futuro profissional, discordar dos pais e contestar a moral sexual.

Nos Anos Dourados, período escolhido para análise da revista *O Cruzeiro*, as representações das mulheres aparecem paralelamente. Um grupo de fotorreportagens firma-se no tripé mãe-esposa-dona de casa, em geral santificada, conforme foi apresentado neste artigo. Elas sentiam orgulho de cuidar da casa, do marido e de ter uma família numerosa. Essas mulheres lutavam por creches para os filhos, para que pudessem continuar trabalhando também fora de casa. Já em outro grupo, as mulheres são independentes e modernas, tidas como musas, vitrines vivas e muitas vezes objeto de desejo masculino.

BIBLIOGRAFIA

BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos anos dourados**. In PRIORI, Mary Del (org.), **História das mulheres no Brasil**, São Paulo: Contexto, 1997, p.607-639.

HIGONNET, Anne. **Mulheres, imagens e representações**. In DUBY, G.; PERROT, M. (Org.) **História das mulheres no ocidente (séc. XIX)**. Vol. 4. São Paulo: Ebradil, 1991. P. 402-427.

MUNTEAL, Oswaldo. **A imprensa na história do Brasil: fotojornalismo no século XX**. Oswaldo Munteal, Larissa Grandi – Rio de Janeiro: PUC-Rio Desiderata, 2005.

O CRUZEIRO, 24 de março de 1956.

_____ 12 de maio de 1956.

_____ 2 de março de 1957.

_____ 30 de março de 1957.

_____ 4 de maio de 1957.

_____ 11 de maio de 1957.

_____ 15 de março de 1958.

_____ 22 de março de 1958.

_____ 29 de março de 1958.

_____ 3 de maio de 1958.

_____ 10 de maio de 1958.

_____ 17 de maio de 1958.

_____ 2 de maio 1959.

_____ 9 de maio de 1959.

_____ 16 de maio de 1959.

_____ 30 de maio de 1959.

_____ 14 de maio de 1960.

_____ 28 de maio de 1960.

PASSERINI, Luisa. **Mulheres, consumo e cultura de massas**. In DUBY, G.; PERROT, M. (Org.) **História das mulheres no ocidente (séc. XIX)**. Vol. 4. São Paulo: Ebradil, 1991.P.381-401.

PEREGRINO, Nadja. **O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem**. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

TRIGO, Maria Helena Bueno. **A mulher universitária: códigos de sociabilidade e relações de gênero.** In BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila (orgs.). **Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil.** São Paulo: Ed. Marco Zero, 1994, p. 89-110. P. 89.